

A MAÇONARIA E A REVOLUÇÃO FRANCESA

Norma Felicidade Lopes da Silva

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

INTRODUÇÃO

A tese da conspiração através de sociedades secretas é uma explicação cômoda, que mexe com a imaginação popular; porém sem se fazer um levantamento preciso da questão, todo trabalho se torna deficiente, com a possibilidade de se perder em enredos romanescos, que nada explicam.

Há uma obstinada tradição, que sempre vem à tona, para explicar que os movimentos políticos tiveram origem nas sociedades secretas, mormente na Maçonaria, onde uma minoria poderosamente organizada, tece a trama dos acontecimentos. E isto se nota, principalmente no tocante à Revolução Francesa. Apaixonadamente partidários e adversários da Maçonaria se afrontam ainda sobre este assunto, sem, contudo, esclarecê-lo devidamente.

Existem muitas controvérsias a respeito. Ora a Maçonaria roga-se para si, uma importância capital no desfecho contra a monarquia e o catolicismo retrógrados, ora macomuna-se com a realza contra a república emergente. O que pretendo demonstrar é que ambas as posições estão corretas, conquanto não se atribua à Maçonaria, e sim, a um número restrito de maçons, o esforço em querer preservar ou destruir a ordem constituída. Estes utilizaram das **Lojas** maçônicas para elaborarem seus conluios, esquecendo-se de que há muito as leis maçônicas proibiam de se fomentar quaisquer debates políticos, muito embora tenha a busca iniciática, que é a primordial busca espiritual da Maçonaria, passado para o segundo plano, a partir do século XVIII.

Deste modo, o principal intuito do presente estudo é resgatar a real participação da Maçonaria na Revolução Francesa. Para tanto, tornou-se necessário ir em busca de suas origens, para, num segundo momento, desvendar os seus principais objetivos, a fim de confrontá-los com a sua prática posterior.

TRAÇOS GERAIS DA MAÇONARIA

A Maçonaria é tida, pelos estudiosos, como sendo uma sociedade iniciática, cujos homens que a congregam o fazem dentro de um espírito fraternal, objetivando a evolução no plano espiritual. Não é uma sociedade secreta, porquanto as diferentes normas e estatutos que a compõem estão oficialmente declarados, e seus ritos, os seus usos, os seus costumes, os seus graus, os seus objetivos, foram (e são) estudados e analisados. Mas, não há nenhuma dúvida que ela guarda segredos.

A Maçonaria consagrou-se aos estudos dos mistérios da vida, traduzindo a experiência espiritual para símbolos compreensíveis à comunidade fraterna. Tanto quanto a simbologia, de que ela é revestida, está a necessidade de se constituir um **Templo** para a “glória de Deus”, envolvida em nebulosas lendas, que remontam às origens da mesma.

Apesar de se ignorar a gênese da Maçonaria — todos os historiadores, neste ponto, continuam no domínio das conjecturas; sendo que alguns mais ousados afirmam que o primeiro maçom foi Adão, ou até Deus, porque este criou a luz —, pode-se reter lendas e alguns fatos de sua origem. Hoje, os estudiosos tentam, reportar-se unicamente ao Egito, ou à Grécia, ou a Jerusalém, para buscar as fontes da ritualística maçônica, o que torna a montagem desse “quebra-cabeças” um tanto inexata; outros, mesclam várias tendências e outros, ainda, reportam-se à Idade Média, na busca da explicação desse fenômeno, que irá influenciar a Europa e as jovens nações americanas, no início da Idade Contemporânea.

1. AS ORIGENS DA SIMBOLOGIA MAÇÔNICA

Nos tempos antigos, as sociedades revelavam-se cobertas pelo sagrado. Os homens irmanavam-se ou degladiavam-se em nome de algo que lhes era superior, e seus líderes eram aqueles que guardavam as verdades religiosas. No entanto, para possuir tais verdades, havia a necessidade de iniciações, que objetivavam a elevação do espírito a um grau maior de conhecimento sobre as leis que regiam o macrocosmo e o microcosmo.

Nessas iniciações havia a necessidade de ritos, que impressionavam indelevelmente o homem, a ponto de estes sentirem-se renascidos; aliás, o objetivo era o nascimento de um “novo homem”.

A Maçonaria, enquanto sociedade iniciática, tomou de empréstimo de muitas culturas os rituais de iniciação, o que não significa que sua origem remonte a essas culturas, que basicamente foram a egípcia, a judaica e a helênica.

1.1. A Influência Egípcia

Da cultura egípcia, a influência se fez notar, principalmente, em função das construções de templos ocorridas no Novo Império (1536-1085 a.C.), que corresponde a 18ª dinastia (Tutmosis III, Aknaton, Tutankamon, Horemheb).

O Templo, um "caminho" que leva do Ocidente ao Oriente, em direção à Luz, desempenhava na vida religiosa dos egípcios o mesmo papel das **Lojas** (do sânscrito **loca** ou **loga**, que significa **mundo**) maçônicas. É um lugar sagrado, simbólico, uma imagem do Universo. A sua forma (como das **Lojas**) é retangular; está orientado como as nossas igrejas, com a entrada a oeste e o lugar do "Venerável" a leste, ou oriente. Esta última parte do Templo toma muitas vezes a forma de um semicírculo, mais ou menos como a ábside de uma igreja.

É no Templo que se garante a segurança do mundo contra a luta perpétua entre o caos e o cosmos, a noite e a luz, num símbolo de equilíbrio realizado pelo perfeito arquiteto: Deus. É daí que irá nascer a "**Arte Real**". Para dominar esta arte, era preciso passar por uma iniciação em que o neófito se punha a meditar durante horas, em um cômodo escuro, e, ao ser questionado de suas intenções, mostrava a sua preocupação em preservar a alma (**Ka**) e a sua habilidade técnica para a construção (onde o erro não era permitido). Assim, passaria a pertencer à confraria dos construtores. Periodicamente, eles se reuniam, sentando-se longitudinalmente à direita e à esquerda do Faraó, formando "a coluna do sul" e a "coluna do norte", que mais tarde, será a maneira como os maçons se sentarão em suas **Lojas**.

É de se notar que durante a época áurea dos construtores medievais, os aprendizes passavam por momentos de reflexão em um cômodo escuro, denominado "**Gabinete de Reflexão**" (como ocorre ainda hoje). Os construtores egípcios tinham três graus:¹ **iniciação, iluminação, perfeição**, que na Maçonaria recebem os nomes de **aprendiz, companheiro, mestre**, de acordo com as confrarias medievais de construtores.

Os egípcios iniciados guardavam a lenda de um Mestre (Neferhotep), que fora assassinado porque não aceitou a usurpação de sua função, tal como a lenda judaica de Hiram, sempre lembrada pelos maçons.

1.2. A Influência Judaica

A influência judaica na Maçonaria é muito marcante, não somente com relação ao monoteísmo, como à força da lenda de Hiram ou Hiram-Abif ou, ainda, Adon-Hiram.

A história de Hiram é contada da seguinte maneira: Estava chegando o tempo em que o rei Salomão devia erguer um templo para

glorificar o Grande Arquiteto do Universo. Ele foi secundado neste grande empreendimento pelo rei de Tiro, outro Hiram. Este príncipe forneceu-lhe grande quantidade de materiais da melhor qualidade e arranjou-lhe um grande número de operários. E ainda, enviou-lhe o arquiteto Hiram, a quem Salomão deu toda a sua confiança, nomeando-o chefe dos operários. Tudo isso é relatado na Bíblia². O que se segue é a ela estranho: Hiram separou os operários em três classes, com o fim de que cada um pudesse receber um salário proporcional ao seu mérito e ao seu talento. E determinou para cada classe sinais, palavras e gestos diferentes.

Os primeiros, ou **aprendizes**, eram chamados à coluna **J** (Jakim ou Jachim), onde Hiram lhes pagava os salários; os **companheiros** à coluna **B** (Boaz), e os **mestres** à Sala do Centro para aí lhes ser pago segundo o seu valor.

Três perversos **companheiros** conceberam o plano de arrancar a Hiram a palavra-chave dos **mestres**, para assim conseguirem, indevidamente, o salário destes. Com esta intenção, colocaram-se em três portas diferentes do Templo à hora a que, depois de os operários se retirarem, Hiram ia sozinho inspecionar os trabalhos. Hiram, tendo entrado pela porta do Ocidente e indo a retirar-se pela porta do Sol, encontrou um **companheiro** que lhe perguntou qual a palavra-chave dos **mestres**, ameaçando matá-lo se ele se recusasse a responder. Como assim acontecesse, o **companheiro** deu-lhe um forte golpe com uma régua no ombro esquerdo. Hiram conseguiu escapar e foi direto à porta do Norte, mas aí encontrou o segundo **companheiro**, que lhe fez a mesma pergunta. Perante a sua recusa em responder, aquele deu-lhe um forte golpe com um esquadro no ombro direito, que o fez cair. Mas conseguiu Hiram ainda forças para fugir em direção à porta do Oriente. Aí encontrou o terceiro **companheiro**, que vendo-o já sem forças lhe exigiu imperiosamente a palavra-chave dos **mestres**. Hiram não ignorava o perigo que corria se recusasse, mas pôs o dever acima da sua segurança e o **companheiro** aplicou-lhe um grande golpe de martelo sobre a cabeça, que o fez cair morto.

Os três **companheiros** quiseram então enterrar o cadáver, esperando assim que o seu crime não fôsse descoberto. Mas como ainda era dia, esconderam-no primeiro debaixo de umas pedras e, mais tarde, levaram-no para um sítio elevado, onde o enterraram.

Passaram-se sete dias, e Salomão, inquieto com o que se poderia ter passado com o mestre Hiram, ordenou a nove **mestres** que o procurassem. Estes dividiram-se em três grupos: três saíram pela porta do Sul, outros três pela porta do Norte e, por fim, os três últimos saíram pela porta do Oriente. Foi em vão que chamaram por Hiram, mas os que tinham seguido em direção ao Oriente, atraídos por uma luminosidade muito forte que vinha dum ponto elevado, fizeram todos os esforços para lá chegar. Fatigados, acabaram por atingir uma saliência onde a terra havia

sido remexida recentemente. Começaram a cavar e encontraram um cadáver que eles reconheceram, por uma lhama (tecido de fio de ouro ou de prata) com que estava vestido, como sendo o do mestre Hiram. Então, soltaram gritos de dor que acabaram por ser ouvidos pelos outros dois grupos de mestres. Estes ocorreram ao local e todos confirmaram que o cadáver era na realidade de Hiram, e que este havia sido assassinado. Desconfiaram que haviam sido alguns **companheiros**. Receando que, já moribunda, a vítima tivesse revelado a palavra-chave dos **mestres**, resolveram substituí-la pela primeira que fosse dita ao desenterrarem o corpo.

Depois, plantaram sobre aquela saliência uma planta chamada acácia (símbolo da ciência que sobrevive), e voltaram para junto de Salomão, levando-lhe a triste notícia. Para testemunhar a amizade que tinha por Hiram, o rei ordenou aos nove **mestres** que desenterrassem o corpo e o levassem para o Templo. Quis, ainda que, para honrar a sua memória, eles fossem acompanhados por todos os outros **mestres**. Os nove **mestres** chegaram primeiro junto ao ramo de acácia e um deles puxou por um dedo do cadáver, mas ficou com a pele na mão. Outro, puxou-lhe por outro dedo, mas a carne soltou-se e ficou-lhe agarrada à mão. Por fim, o terceiro tentou levantá-lo puxando-lhe pelo pulso, mas uma vez mais a carne se separou e ficou-lhe na mão. Então ele gritou: **Mac Benach!**, o que significa "o corpo apodreceu" ou "a carne abandona os ossos", (o cadáver putrefato do arquiteto indica que as formas mudam, mas o espírito permanece), e pôs-se a desenterrar o cadáver. Os outros oito **mestres** colocaram-se a sua volta para o ajudarem a levantar o corpo. Vestidos com as vestes próprias do seu grau e ainda com luvas brancas (para testemunharem que estavam inocentes desta morte), os outros **mestres** colocaram-se alinhados ao longo da cova.

Esta lenda é retomada pela Maçonaria, no momento em que o Grão-Mestre assumindo o papel do rei Salomão, aproxima-se do postulante, que simboliza Hiram e, ajudado por dois **mestres**, levanta-o, "ressuscita-o", proclamando: "Ele encontrou a Vida no seio da Morte".³

A cerimônia acaba da seguinte forma: Salomão, tendo aprovada a resolução dos nove **mestres** em relação à nova palavra-chave, reuniu todos os **mestres** em círculo, com o ressuscitado à sua esquerda. O rei disse **Mac Benach** ao que estava à sua direita para que a palavra passasse em seguida de **mestre** em **mestre**, e isto para todo o sempre.

Esta é a lenda, eis a sua interpretação: Salomão é a personificação da ciência e da suprema sabedoria. O Templo é a realização e o símbolo do reinado hierárquico da verdade e da razão sobre a terra. Hiram é o homem que obteve a chefia mediante a ciência e a sabedoria, que governa com justiça e ordem, dando a cada um o que lhe corresponde, segundo suas obras. Cada grau da ordem possui uma palavra que expressa sua inteligência. Existe apenas uma palavra para Hiram, mas esta se pro-

nuncia de uma maneira pelos **aprendizes** e significa “**natureza**”, consistente no trabalho; de outra maneira pelos **companheiros**, para os quais significa “**pensamento**”, consistindo no estudo; e de uma terceira maneira, pelos **mestres**, em cuja boca significa “**verdade**”, que consiste na sabedoria. Esta é a palavra para designar a Deus, cujo verdadeiro nome é indizível e incommunicável.

1.3. A Influência Helênica

Da cidade de Elêusis (próximo de Atenas) surgiu uma confraria dedicada a deusa Deméter, que, resistindo ao Cristianismo, permaneceu por séculos atenta ao cumprimento de seus **Mistérios**, onde se celebrava a união de Zeus e da deusa, ou seja, do Céu e da Terra, e procuravam renová-la misticamente, a fim de renovar a fecundidade da natureza.

Para a iniciação do postulante, exigia-se, a priori, uma moral irreprovável, juramento para manter os segredos, e o abandono da riqueza material. A Maçonaria, também, faz essas exigências ao neófito da fraternidade, quando executa pesquisas sobre a conduta do mesmo, pedindo-lhe segredo sobre os seus ensinamentos e, no ritual iniciático, despojando o postulante dos “metais” (ainda que lhos devolva posteriormente). Também, aqui, parece uma “Tenda de Meditação”, símbolo do “Gabinete de Reflexão” maçônico.

O Pitagorismo, muito popular na Europa até o I século antes da nossa era, é freqüentemente comparado à Maçonaria, não somente devido a relevância que dava ao estudo da geometria e da astronomia (os pitagóricos imaginavam que o seu princípio numérico é suficiente para a explicação das coisas), mas porque se revelava contra o materialismo da sociedade romana, colocando-se na mais pura fraternidade entre os membros, que compunham a Ordem. “Dizer a verdade e fazer o bem” é a súpula da moral pitagórica, como o é dos maçons. Os bens eram postos em comum; não se mataria um irmão e não se mediriam forças para ajudá-lo. Nas suas cerimônias, usavam roupas brancas (os aventaís maçônicos e lúvas) e identificam-se com apertos de mão, toques e sinais que lembram os que a Maçonaria veio a adotar, posteriormente. Por exemplo, o sinal do **aprendiz** de “cortar a cabeça” assume a mesma forma e o mesmo sentido para os pitagóricos, como para os egípcios e maçons modernos. “Quando não se guarda o silêncio; perde-se a cabeça”, ou seja, perde-se a razão.

1.4 A Influência do Platonismo na Filosofia da Maçonaria

A respeito desta influência, ao que se sabe, ainda não foi realizada nenhum estudo. Assim começo pela concepção de indivíduo, de acordo com Platão. Da luta entre o espírito e a matéria, deduz Platão sua psicologia tripartida, do livro IV da **República**:⁴ a racional, na cabeça; a

irascível, no peito; a concupiscente, no ventre. Na vida deve haver uma subordinação hierárquica, do inferior para o superior. A justiça estabelece essa ordem e a temperança resulta como consequência. A perfeição moral não consiste, por conseguinte, no aniquilamento absoluto dos impulsos inferiores do homem, senão na subordinação deles aos ditames da razão.

O ponto nevrálgico da ética de Platão é constituído pela classificação das virtudes. A parte irascível da alma corresponde a virtude da fortaleza; a parte concupiscente, a virtude da temperança; e a parte intelectual, a prudência. Acima destas virtudes se encontra a justiça, encarregada de equilibrar as tendências das três partes da alma.

A luta entre o corpo e o espírito foi cristalizada por Platão, num famoso simbolismo: "A alma é semelhante a um carro alado do qual correm em direção opostas dois cavalos guiados por um auriga moderador."⁵ O resultado do controle racional do auriga moderador é a temperança ou **sofrosine**, palavra que significa saúde ou boa disposição do espírito, moderação; muito acertado andou quem as avaliou por ela para significar o sentido estético dos gregos.

É justamente aí que a filosofia maçônica se coloca. Para ela a desintegração pessoal implica um predomínio passional, um desequilíbrio que no final das contas, serão a causa da queda do homem, porque não foi a força do destino, senão sua própria falta de controle, que o leva à ruína.

Como o ideal platônico, o ideal maçônico tende a restabelecer na alma a temperança, a serenidade, a **sofronise**, a harmonia dos elementos discordantes. Tudo o que contribua para perturbar esta harmonia é, pois, coisa má e reprovável.

Se colocarmos o platonismo dentro dos ideais maçônicos verificaremos que, como aquele, este preocupa-se em afirmar as quatro virtudes cardiais: a prudência, no Grão-Mestre; o valor nos Companheiros; a temperança em todos (particularmente nos Aprendizes), guardando em tudo a devida proporção e a ordem para que resulte o bem comum estabelecido pelas Constituições maçônicas. São as virtudes morais, heróicas e intelectuais.

Podemos imaginar a construção platônica como um triângulo (o triângulo maçônico) dividido em três barras paralelas à base. E ainda, usando do mito fenício das raças, que Platão tomou de Hesíodo (Note-se que Hiram era fenício), das três classes correspondentes ao ferro, a prata e o ouro, teremos: o ferro, a produção ou a economia, correspondente ao corpo humano e a satisfação de suas necessidades; a prata, a barra intermediária, é o governo, correspondente a vontade; e o ouro, o entendimento. É o vértice do triângulo. A vontade, note-se, é uma faculdade motivada pela inteligência e suas ações transcendem a ordem prática. Por isso, a vontade é um arquétipo do governo que delibera para o bem em concreto.

A partir destes postulados, a Maçonaria apresenta uma idiosincrasia particular que a distingue de outras sociedades. Esta idiosincrasia se manifesta, principalmente, a partir do **Construtivismo**.

O **Construtivismo** é o objetivo básico da Maçonaria. Trata-se da reconstrução simbólica do Templo de Salomão, ou melhor, a edificação de uma sociedade, segundo princípios racionais, de forma a assegurar à humanidade seu perfeito desenvolvimento. Por onde se vê, que a Maçonaria pretende alcançar um novo tipo de sociedade, onde os homens devem trabalhar sob as ordens do Grande Arquiteto do Universo.

O fim alegórico da Maçonaria é, pois, a reconstrução do famoso Templo (cujo estilo arquitetônico é muito mais fenício do que hebreu), mas seu fim real é a reconstrução da unidade social mediante a aliança da razão com a fé, o restabelecimento da hierarquia, de acordo com a ciência e a reconstrução individual, onde o homem seria a "pedra bruta", cujo aperfeiçoamento do espírito busca esculpí-la, isto é, o homem é também o Templo a ser constituído pela virtude, mediante a iniciação e as provas por graus.

A Maçonaria, em essência, portanto, não possui outro fim, senão o conhecimento do homem e da natureza. Baseado no Templo de Salomão, ela entende que não se pode alhear à ciência do homem, pois, desde a sua fundação, todos os sábios reconheceram que o Templo de Salomão só existiu no universo como o protótipo universal do homem em seu conjunto, nos seus estados passados, presentes e futuros, e como o quadro simbólico de sua própria história.

E para atingir esses objetivos, a Maçonaria dá ênfase a execução de atos simbólicos que constituem os ritos; o ensinamento místico e o exemplo, a cultura intelectual, a prática da fraternidade e da solidariedade.

À primeira vista, a Maçonaria surge como uma organização filantrópica e humanitária, cujo propósito é o aperfeiçoamento moral e material da humanidade, eliminando aquilo que foi assinalado por Platão; a luta entre o espírito e a matéria. Seus princípios são: a crença no progresso infinito da humanidade, a tolerância, sem considerar quaisquer diferenças religiosas nacionais, e sociais: é uma sociedade que precisa se colocar além e fora das diferentes confissões; não pretende subverter as instituições existentes, (é justamente neste item que torna-se difícil aceitá-la como agente provocador no processo revolucionário francês), senão realizar conversões morais, acima das nações e das raças, e contém os preceitos comuns às diversas religiões positivas. Assim, seus membros obrigam-se somente à religião com a qual todos os homens concordam e formam uma aliança universal de todos os que sentem a necessidade de se unirem, a fim de trabalhar em conjunto no aperfeiçoamento intelectual e moral da humanidade.

A Maçonaria, a partir do **Construtivismo** cria seu esoterismo, onde afirma que a Unidade criadora é um todo universal (macho e fêmea) que não conhecemos, nem podemos conhecer, exceto por suas incontáveis manifestações de promenos, onde cada um de nós desempenha a função alternada de ator e espectador. Temos aí, o antigo dualismo dos princípios masculino e feminino, o Pai universal, de natureza ígnea, que fecunda a Mãe, princípio material, ambos simbolizados nas duas colunas **Jachim**, a coluna masculina, ativa e ígnea, pintada de vermelho, e na maior parte dos casos colocada à direita; símbolo do Sol; e **Boaz**, a coluna feminina, passiva, aérea, pintada de branco ou negro, e situada à esquerda, representando a Lua. Ou, se se quiser, uma é o **Yang** e a outra o **Yin**, ou seja, os dois princípios cuja união engendrou tudo o que existe.⁶ O Grande Arquiteto não é um ser superior ao mundo; mas uma Força que rege a matéria; é a Lei do Universo, como queria Augusto Comte, com o seu **Grande Ser**. O Grande Arquiteto é perceptível aos homens, através de suas manifestações sensíveis. Ele **organiza** (e não cria) a matéria.

Quanto ao homem, a Maçonaria entende que ele ocupa um lugar privilegiado na Natureza. De fato, o homem representa a Divindade e traz em si o ideal do Verdadeiro, do Belo e do Bem, como ensinava Platão, sendo, por isso, um arquiteto que dirige a construção do seu ser moral.

2. O PROGRAMA DE AÇÃO POLÍTICA DA MAÇONARIA

Como programa de ação e de renovação política, a Maçonaria apresenta-se como uma análise da realidade social, segundo a qual a vida de cada comunidade humana, considerada como um organismo fechado, deve, para ser satisfatória, realizar uma harmonia completa entre três funções principais comparáveis as que existem em cada homem, de acordo com os ensinamentos de Platão, como vimos acima.

Estas três funções são as seguintes: a primeira função, que constitui a base do triângulo corresponde ao corpo do homem; define-se em termos de nutrição, é a **economia**; a segunda função social corresponde à atividade, a vontade, é a **alma**; assegura as relações entre os homens pela via da legislação e da política no sentido lato do termo; a terceira, é o **espírito**; diz respeito à ciência, à religião e ao ensino, que devem guiar toda a atividade humana, pois apenas eles visam os fins últimos do homem.

A partir desse esquema simples, desenvolve-se a segunda idéia essencial do sistema, que é que a cada uma destas funções devem corresponder a hierarquia existente na Maçonaria, organizadas de tal maneira que coexistam harmoniosamente sem que um domine os outros, mas visem todos o bem comum.

AS CONFRARIAS DA IDADE MÉDIA

Marcada por uma concepção sagrada da sociedade, a Idade Média representa a perseguição humana à perfeição espiritual. Tal atitude repercutiu com estabelecer-se novas condutas com relação as atividades mais comuns e materiais, como se deu com as construções. Construir era uma forma de estabelecer vínculos com Deus, uma forma de agradá-lo. Quanto mais esmerado fosse o trabalho, maior a exaltação a Deus; ainda melhor se a construção fosse para Sua morada terrestre. Assim, a categoria de construtor atribuiu-se àquele que possuísse, sobretudo, o conhecimento invulgar de determinar as apreciáveis condições da obra a ser executada para a glória de Deus; necessariamente um arquiteto e um místico na mesma pessoa. Porisso, esse tipo de homem se tornou especial aos olhos da comunidade, dominada pela fé; da Igreja, dominada pela idéia de dominação; e da nobreza, dominada pela idéia de ostentação de sua riqueza material, fruto da sua dominação política e econômica. Especial porque o exímio construtor se agregava em confrarias que herdaram alguns conhecimentos das civilizações egípcias, judaicas e helênicas, que lhe permitia aprofundamento em questões matemáticas, geométricas, alquímicas e místicas que, somadas, davam a sua arte um esplendor ímpar. Sua ciência não jorrava em absoluto de uma súbita iluminação, mas foi lentamente elaborada durante anos, transmitida de homem a homem, em segredo, para evitar completamente que tal saber ficasse ao alcance dos homens de guerra.

Os contrutores formavam uma classe distinta das que comumente se via na Europa. Podiam se abrigar confortavelmente nos mosteiros ou nas cortes, e gozavam da proteção não só da nobreza como do clero; proteção essa a ponto de poderem cruzar livremente as fronteiras e serem liberados de impostos, o mesmo de certos delitos por onde passavam.

A palavra **franco** designa não apenas aquele que é livre, por oposição ao que é servo, mas também o indivíduo que escapa à servidão e aos direitos senhoriais. E **maçon** não são só os operários, mas também os que conduzem os trabalhos, os arquitetos, chamados "mestres de pedraria" ou "mestres de obra". Daí nasceu a expressão "**franco-maçon**".

Os mestres de pedraria só recrutavam por cooptação; os aprendizes eram pouco numerosos e cuidadosamente escolhidos, e todos se reuniam em locais chamados **Lojas**. Só se tornavam **companheiros** após uma série de provas em que a moralidade desempenha um papel tão importante quanto o da capacidade técnica.

Se o trabalho era uma forma de comungar com a divindade, essa confraria, denominada **Franco-Maçonaria**, só poderia agrupar quem tivesse além da alta qualificação profissional, virtudes espirituais e morais.

Por isto, em plena Era das Catedrais (século X), os maçons (pedreiros livres) viram a necessidade de definir as linhas gerais, que norteariam sua instituição, que basicamente consistia no seguinte: manter a crença em Deus e a fidelidade ao Rei, o que, entre outras coisas, lhes garantiam livre trânsito; manter segredo das construções, impedindo a divulgação pública de seus ensinamentos (esses conhecimentos eram transmitidos de mão a mão, da boca ao ouvido); e estabelecer um período de aprendizagem de 7 anos, tempo tido como necessário para se saber servir e amar os instrumentos e ter habilidade para construir uma obra mestra (obra prima).

Esses pontos gerais foram determinados pela primeira Constituição maçônica, para cimentar a força da instituição que se organizou em torno de um país: a Inglaterra, onde se fundou a primeira Grande Loja, a de York, em 925. Nesta época, por mais que os rituais maçônicos deixassem de lembrar a doutrina cristã, a Igreja não ousou perseguí-los porque eram homens necessários; contudo, havia uma perseguição velada, quando os Concílios afirmavam o caráter herético da Maçonaria,⁷ mas cuja eliminação não se concretizou.

Na Inglaterra, a Maçonaria foi responsável por obras grandiosas como a famosa ponte sobre a Tâmis, a Torre de Londres, o Palácio de Westminster e a Catedral de São Paulo, além da reconstrução da cidade de Londres, depois do incêndio ocorrido em 1666; e na Alemanha, pela construção de Catedrais, como a de Strasburgo e de Colônia.

Porém a Europa do século XIV, assistindo a fúria de Felipe, o Belo, contra os Templários, viu desaparecer o brilho da Maçonaria, isto porque esta, acolhendo refugiados Templários, foi também vítima de perseguições políticas e religiosas. Perseguições das quais se livrou porque concedeu à nobreza e ao clero o acesso às iniciações, ganhando, assim, mais proteção por parte desses **accept-mason** (maçons aceitos). Contudo reis (como Henrique I, IV, VI, Ricardo V), bispos (como Rochester), padres e fidalgotes, pouco contribuíram com o seu conhecimento para o aprimoramento dos trabalhos nas **Lojas** maçônicas.

A partir do século XVI foram admitidos no seio da Maçonaria, burgueses influentes, estranhos ao ofício de pedreiro, apenas para reerguer o prestígio da Ordem. E com isso, o pouco que restava da antiga Franco Maçonaria se transformou em um clube de entretenimentos. Então, os grandes construtores (os mestres-maçons) aglutinaram-se em uma instituição chamada **Compagnonnage**, que não admitia senão maçons **operativos**.

E assim, até o século XVII, a Maçonaria, com algumas variantes permanece essencialmente uma corporação de ofício, sendo por isso chamada **operativa**. Mas a época é outra. A herança da "**Arte Real**" encontra um mundo transformado. A maioria dos operários são homens incapazes, analfabetos, gente simples, que trabalha para sobreviver. O

comércio acaba com o artesanato, e o clero se torna mundano. O trabalho manual transforma-se em algo vil e imoral e as ciências ocultas, desacreditadas. As sociedades não mais eram regidas pela religião, mas pela economia, que colocava a riqueza acima de qualquer outro valor. Essa dessacralização da sociedade, no entanto, levou alguns homens acima de seu tempo, a abrigarem em torno de sociedades secretas.

A pouco e pouco, os maçons operativos (**free-masons**), novamente são obrigados a aceitar em suas fileiras, nobres, burgueses, cléricos: os **accepted masons**. E deste modo, de **operativa**, a Maçonaria passa a ser **especulativa**, isto é, intelectualizada.

A data oficial do nascimento da Maçonaria moderna é 24 de junho de 1717. Neste dia de São João, quatro **Lojas** londrinas, que tinham adotado nomes de tavernas, onde se reuniam: **O Ganso e a Galha; A Coroa; A Macieira; e A Taça de Uvas**, unem-se para constituir a **Grande Loja da Inglaterra**, cujo primeiro Grão Mestre será o pequeno-burguês, Anthony Sayer.

Seis anos mais tarde, outorga-se a **Constituição de Anderson**, do nome do pastor escocês que reuniu os textos sobre a origem e a história da Maçonaria, que serão completados pelo pastor francês, Théophile Desaguliers. É a partir desta Constituição que nasce a querela entre os maçons **operativos** e os **especulativos**. E ela torna-se mais grave em 1735, quando insiste-se na necessidade de se acreditar na existência de Deus⁸. Os maçons franceses, mais **especulativos**, irão admitir em seu seio, ateus, livres pensadores e filósofos materialistas. E de tudo isto irão resultar cisões, reagrupamentos, tanto na Inglaterra como na França.

Em 1736, o escocês André-Michel de Ramsey, discípulo do filósofo católico Fenelon, membro da Academia Real da Inglaterra e doutor em direito civil por Oxford, lança as bases da Maçonaria de inspiração católica, mas ainda aberta aos espíritos liberais. Nessa nova etapa, em 24 de junho de 1738⁹, uma assembléia geral institui Louis de Pardaillon de Gondrin, duque de Antur, par de França e governador de Orléans, — Grão-Mestre Geral e Perpétuo dos Maçons do Reino de França. A **Grande Loja da França** nasceu.

Não houve ruptura entre a maçonaria inglesa e a francesa, porém, oficializaram-se as dissensões.

3. A MAÇONARIA E A REVOLUÇÃO FRANCESA

No final do século XVII, na França, se organizaram **Lojas** maçônicas que, agremiando a nobreza, a alta burguesia e militares, marginalizaram definitivamente, os **operativos**, isto é, os trabalhadores manuais

(pedreiros-livres) que, em período anterior, como vimos, deram origem as mesmas. Na alvorada do século XVIII mostrava-se já os sintomas de uma grande perturbação. Esta perturbação anunciava-se por um fato: a nobreza, que até então trabalhara para a glória do rei, libertava-se repentinamente com a morte de Luís XIV: iniciava-se o reino da aristocracia. Os nobres começavam a governar.

A história da Maçonaria na França é complexa e recheada de intrigas, e há muita lenda em torno do assunto, de tal maneira que o estudioso perde-se num emaranhado de especulações históricas não comprovadas.

O que se sabe, com relativa certeza, é que a primeira **Loja** instalada na França foi a escocesa "**Perfeita Igualdade**", no ano de 1688, por Jaime V, sem Saint-Germain, em Laye, onde se encontrava a família Stuart em exílio. Sua fundação foi seguida de outras, como a em Paris, no ano de 1726, de nome "**São Tomás**", por Charles Radclyffe. Muito embora cada uma das **Lojas** emergentes quisessem resguardar a sua autonomia uma das outras, a multiplicação delas dava margem, também a multiplicidade de ritos, sinais, etc., o que as levaram — ao querer unificar-se a doutrina e a prática — a designar um Grão-Mestrado que as integrassem. Em 1735, coube a James H. Macheam, o ofício de Grão-Mestre, sucedendo-lhe, em 1736, Charles Radclyffe, e, em 1737, Charles A. Wester. Sendo todos estes membros da nobreza escocesa, objetivaram atrair para lá mais nobres, utilizando-se da alegação de que a Maçonaria detinha conhecimentos que poderiam desenvolver as virtudes morais, intelectuais, heróicas e sobrenaturais. Ramsey, maçom influente entre a nobreza de vários países, foi o principal condutor dessa idéia, que, na prática, era vazia de sentido. Embora seduzindo a nobreza, Ramsey foi duramente criticado pelos intelectuais, como Montesquieu e Voltaire. Seja como for, é a partir dele que se desenvolve o gosto pelo esoterismo e ocultismo dentro da Maçonaria.

As **Lojas** diferenciava-se em **escocesas** e **francesas**. As primeiras foram fundadas, como fiz notar, pelos stuartistas (por isso, também, monarquistas e católicas), em exílio na França, que depunham contra a Casa de Orange. Se, por um lado, essas **Lojas** guardavam as tradições templárias e os tiros antigos, por outro, perseguiram a **Compagnonnage**, e usavam da Ordem para estabelecer contatos com outras **Lojas**, no estrangeiro, à cata de informações que possibilitasse a retomada do trono inglês. Por seu turno, as **Lojas** francesas instalaram-se sob a égide da **Grande Loja da Inglaterra**, que, por sua vez, mantinham-se precavidamente à parte de assuntos políticos, evitando, assim, as perseguições do governo inglês.

É assim que duas correntes ora opondo-se, ora tolerando-se, ora aliando-se, vão aos poucos, cobrir o país com uma vasta rede de **Lojas**; em 1752, contar-se-iam já 200, das quais 22 são em Paris. Em 1771, são 154 na capital, 322 nas províncias, as quais temos que acrescentar 21 **Lojas** de regimentos.

As **Lojas** francesas só vieram aparecer em 1721, com a fundação (não comprovada), em Dunquerque, da **Loja “Amizade e Fraternidade”**, depois, em 1729, pela **Loja “São Tomás do Luís de Prata”** — onde iniciou-se a Conde de Saint Florentin, secretário de Estado do rei Luís XV; a **Loja D’Aubigny**, em castelo do mesmo nome, de propriedade do Duque de Richmond, e muitas outras. Assim, agremiando a nobreza francesa, suas reuniões giravam em torno de temas como a desaprovação do despotismo monárquico e o respeito às liberdades, tal qual a concebiam dentro do modelo inglês de governo, no que as **Cartas Filosóficas**, escritas durante o exílio de Voltaire na Inglaterra, contribuíam como obra apologética sobre aquele país.

Contudo, a subordinação dessas **Lojas à Grande Loja da Inglaterra** foi conhecendo seus limites vigiadas muito de perto por Grão-Mestres, representantes nomeados pela **Grande Loja**, como o Duque de Warthon e o Duque D’Aumont, cresceu a idéia de autonomia; o que, não tendo sido visto com bons olhos pela Inglaterra, acabou forçando a organização das mesmas em torno do Grão-Mestrado escocês. Agora, formando um só corpo, a partir de 1738, tornam-se uma potência independente, sob a orientação do Duque D’Antin, eleito Grão-Mestre¹⁰. Pertencendo a alta nobreza, exerce, também, funções oficiais: é militar e governa Orleães. Preocupado em eliminar das **Lojas**, as discussões de ordem política, e em consolidar a ordem existente, outorga uma Constituição, cujo artigo 1º reza a dedicação à religião católica, ao rei e aos costumes.

O papa Clemente XII, nesta época, decide acabar com a Maçonaria, por motivos que ainda hoje não foram esclarecidos. O certo é que excomungou os maçons, por tê-los como heréticos e porque iniciavam indivíduos de outras religiões, mormente protestantes. Não obstante, o cardeal Fleury, na França, preferiu omitir-se em relação a instrução papal. Isso porque, muito embora se considerasse adversário intelectual da Maçonaria, e mesmo colocando a sua polícia secreta para vigiá-la de perto, jamais se atreveria a ter um contratempo com a nobreza que ali estava representada.

Assim, não será na França, mas, talvez, na Prússia, que encontraremos o verdadeiro esoterismo da qual a Maçonaria havia sido feita herdeira. Mesmo ali, somente Frederico, o Grande — quando iniciado — quis levar adiante a idéia de que não era, preocupando-se com festas ou intrigas políticas que atingia-se o aperfeiçoamento espiritual. Tão logo as **Lojas** alemãs enveredaram por esse caminho, Frederico, desiludido, passou a perseguí-las.

3.1 A Estagnação da Maçonaria Francesa

Com a morte do Duque D’Antin, em 1743, sobe ao poder o Conde de Clermont (Luís de Bourbon Condé) afilhado de Luís XV¹¹.

Apesar de ser o futuro abade de Saint-Germain-des-Prés, era homem mundano e sensual, cujos casos amorosos escandalizavam a Corte. A primeira medida que toma ao subir ao Grão Mestrado é expulsar das **Lojas** quem não fosse gentil-homem ou alto burguês.¹² Porém, como viaja muito e só cuidava da Maçonaria esporadicamente, delega as funções administrativas ao banqueiro Christopher Baur, iniciando, assim, uma cisão no seio da mesma. Isso porque Baur foi acusado pela nobreza de vender graus, enquanto que a burguesia o defendia, acusando a nobreza de “despeito”, uma vez que, de certo modo, Baur naquela função, subjugava a nobreza, ciosa de sua superioridade.

Essas disputas, fazem com que o Conde de Clermont substitua Baur por outro burguês, o mestre de danças, Lacorne, no ano de 1758, que, por sua vez, em 1762, será substituído pelo nobre Chaillon de Joinville. Suscitando sempre novas rivalidades, os lacornistas são expulsos da Maçonaria, dali retirando-se também os “escoceses”, que eram responsáveis pelos altos graus. Querendo os lacornistas retornarem à força, em 1766, só conseguem que o tumulto leve a polícia a fechar as **Lojas**, reabrindo-as em 1771.

3.2 A Maçonaria na época da Revolução

Na reabertura das **Lojas**, assume o Grão Mestrado o Duque de Chartres, futuro Duque D’Orléans, primo de Luís XVI. Ambicionando tomar o trono da França, financia panfletagem para agitação política. É um anglófilo que gosta de viajar, e como seu antecessor, delega funções administrativas a outrem, até porque nada entende dos usos e costumes maçônicos. Esta pessoa será o Duque de Luxemburgo, que resolve moralizar a Maçonaria. Para tanto, reitegra os lacornistas e os escoceses, criando, em 1773, o **Grão Oriente da França**, que objetivava acabar de vez com as intervenções da **Grande Loja da Inglaterra**. Por isso, as **Lojas** que optaram permanecer atreladas à Inglaterra, foram duramente perseguidas pelo Duque de Luxemburgo. (É de se notar que o Duque D’Orléans era homenageado em ambas).

Nesse período, desenvolveu-se a Maçonaria francesa pela afluência de fortes personalidades, mesmo vindas das classes burguesas, tornando-se num anseio febricitante do progresso na França e dali para toda a Europa. Depois de Denis Diderot e Claude Adrien Helvetius, filiaram-se o astrônomo Lalande, o matemático Condorcet e o físico Lavoisier às **Lojas** de Paris; e também o enciclopedista d’Alembert e aquele doutor Guillotin, a quem dizem que inventou a guilhotina, o terrível símbolo da Revolução Francesa. A lista dos grandes homens franceses que foram maçons é enorme, contando-se entre eles, Joseph de Maitre,

Cabanis, Volney, Maine de Biran, e até Voltaire que foi conduzido à Maçonaria por Benjamin Franklin.¹³ Era a época em que o maçom Anton Franz Mesmer agitava a sociedade parisiense com seu “magnetismo”, realizando curas prodigiosas; e José Bálamo, que se intitulava a si próprio de Conde Cagliostro, lançava as bases da sua Maçonaria “egípcia”.¹⁴

Mas a nobreza continuava presente nas **Lojas**: os Rohans, os La Rochefoucaulds, os Polignacs. Fundam-se **Lojas** femininas, chamadas “**Lojas de Adoção**”, iniciando mulheres como a Duquesa de Bourbon e a Princesa de Lambelle; isso, enfim, para conquistar o sexo, que formava a opinião pública.

Mas, o que tratavam nestas **Lojas**, onde havia interesses tão diversos? Talvez a melhor resposta seja a contida na carta que Maria Antonieta escreveu a sua irmã Maria Cristina, dizendo que a Maçonaria não é mais do que uma sociedade onde come-se, canta-se e diverte-se e, por isso, isenta de perigo.¹⁵

Isto porque **O Grande Oriente** proibira as discussões políticas e qualquer contato com os clubes revolucionários, como a sociedade secreta dos **Iluminados da Baviera (Illuminati Germaniae)**, cujo projeto era varrer da Europa o cristianismo e a monarquia. Eles acreditavam que o melhoramento da sorte da Humanidade seria conseguida não só por uma revolução violenta, mas pela evolução regulada, acompanhando a reforma do espírito público.¹⁶

A Corte de Luís XVI não foi hostil à Ordem, mas o rei, provavelmente, nunca foi maçom, apesar de afirmações em contrário. A Maçonaria desenvolveu-se sem obstáculo até à véspera da Revolução, quando ainda maçons aristocratas trocava o “meu irmão” com o burguês. Não foi aí, portanto, que se preparou a subversão social, mas nas “academias”, nas “sociedades literárias”, nos “clubes”.

Em 1793, um importante membro da Ordem, o Duque de Orleães, que havia mudado seu nome para Phillippe Egalité, e se dizia filho de um cocheiro, amante de sua mãe, renega a Maçonaria, alegando que a República não deveria permitir esse tipo de sociedade. Os maçons quebram-lhe a espada de Grão-Mestre. Em 1797, outro grande maçom, o Duque de Luxemburgo, contra os princípios da Maçonaria de não envolvimento político, une-se ao Exército dos príncipes, e trabalha contra a Revolução. Enquanto isso, o populacho investe-se contra as **Lojas**, destruindo algumas e queimando seus arquivos.

Com a subida de Napoleão ao poder, as **Lojas** são vigiadas. O que ele queria era unificá-las e submetê-las aos seus interesses; e a Maçonaria faz seu jogo, colocando como Grão-Mestre seu irmão José Bonaparte, tendo como auxiliar Cambacères, diretor do Supremo Conselho, que cuida dos Altos Graus. Porém, assim que Napoleão se exila em Elba, a Maçonaria

se volta para Luiz XVIII, que também irá vigiá-la, colocando no Supremo Conselho o delegado Decazes. Com a volta de Napoleão (100 Dias), a Maçonaria presta-lhe homenagens. E esse jogo continua sendo feito até que o "Terror Branco" de Luis XVIII tenta acabar com todas as **Lojas**. Seu sucessor, Carlos X, que era maçom, as tolera, porque acha melhor, através dela, canalizar as agitações; o mesmo acontece após a Revolução de 30, na "monarquia de julho", quando Luiz Felipe, o rei burguês, as coloca sob vigilância policial.

Em 1844, alguns maçons queixam-se da mediocridade geral da Ordem, devido ao recrutamento indiscriminado. A véspera da Revolução de 1848, a Maçonaria francesa é "um grande corpo sem espinha dorsal".

CONCLUSÕES

Como vimos a Maçonaria pode ser perfeita, mas seus membros não o são, até porque aspiram, com freqüência, o poder político; desejam sentir-se admirados, fortes e potentes. Muitos usam da Maçonaria para seu prestígio pessoal, não se importando com, ao menos, inteirar-se dos ensinamentos de que esta instituição foi herdeira. Assim, ante a Revolução Francesa, desvirtuou-se, perdeu qualidade, falseou seus motivos reais.

Contudo, havendo que resgatar tal herança, maiores as razões para não ter-se envolvido nas conspirações da Revolução, uma vez que, mais do que uma sociedade filantrópica internacional, a Maçonaria é uma sociedade secreta de iniciação que, por isso, deve ultrapassar a realidade político-social concreta do momento histórico.

Se alguns maçons prepararam a Revolução, não foi na qualidade de maçons, mas de homens do século XVIII, mais ou menos submetidos, como todos os seus contemporâneos, à influência de Voltaire, Rousseau e dos Enciclopedistas. Praticamente todos os convencionais foram maçons. Também a divisa **Liberdade, Igualdade, Fraternidade** é maçônica. Por outro lado, o Grão Mestre Phillippe Egalité foi guilhotinado (a guilhotina teria sido inventada por um maçom). La Fayette, outro maçom, foge para o exílio com o auxílio de uma **Loja** norte-americana; e Talleyrand sobrevive na França conturbada.

Não obstante, se nas **Lojas** encontram-se, lado a lado, católicos e protestantes, aristocratas e burgueses, ateus e livres pensadores — o que permitiria sublinhar o caráter fraternal da Maçonaria —, isso não foi sinal de que se toleravam, mas que estavam sempre prontos a subjugar, ali mesmo, os seus pares, transformando as **Lojas** em campo de batalha.

Enfim, se na ocupação nazista (1940 a 1944) foram destruídos muitos arquivos das **Lojas** francesas, o que determinou o desaparecimento

de muitas provas documentais de complôs maçônicos contra o Trono e o Altar, só nos resta — pelos escassos documentos que chegaram até nós — afirmar que, independente de vontades conscientes, o maior complô de que a Maçonaria foi protagonista, foi aquele contra si própria.

NOTAS

(1) Na realidade eram oito os graus de iniciação (**Krata Repoa**): **Pistóforo** (aprendiz), **Neocoro** (companheiro), **Melanóforo**, **Cristóforo**, **Balanate**, **Astrônomo**, **Profeta** e **Demiurgo**. Os três primeiros correspondiam a iniciação inferior ou de Isis; os outros cinco, a superior ou de Osfrís. A atual Maçonaria do rito escocês consta de trinta e três graus, divididos em sete categorias. O rito francês compreende sete graus.

(2) I Reis 5,15-27 (Cf. **Bíblia de Jerusalém**. Não há qualquer alusão a um fim trágico de Hiram).

(3) Cf. Pierre Mariel, **As Sociedades Secretas Governam o Mundo**, pp. 25 a 26.

(4) Cf. Platão, **A República**, Livro IV, 443-444.

(5) **Idem. Fedro**, 246.

(6) As colunas colocadas na entrada da **Loja** representam, segundo Mario Name (**O Templo de Salomão nos Mistérios da Maçonaria**) o seguinte: **Jachim** é Jafet + Achin, isto é, Deus estabeleceu; **Boaz** é Belth + Oz, isto é, com força. Ou seja: Deus consolidou (o Templo) e nele (Deus) está a força. Apesar das colunas aparecerem na visão profética de Ezequiel (colunas que sobem da Terra ao Céu), e o **Apocalipse** falar delas. Ambas não têm relação com qualquer aspecto da liturgia judaica. Colunas semelhantes são encontradas nos templos cananeus. Heródoto, por exemplo, cita o fato de que também o Templo de Melcart, em Tiro (donde veio Hiram), tinha sido adornado com duas colunas dessas. Além disso, esse mesmo gênero de coluna foi encontrado num templo dedicado a Baal, na ilha de Chipre, e em diversas cidades palestinas, como Samaria, Megiddo e Hasor. Isto demonstra a origem fenícia das colunas.

(7) A Igreja entendia que o ritual maçônico da lenda de Hiram era uma distorção de uma passagem do Antigo Testamento que não se justificava canonicamente; e que era paródia feita sobre a ressurreição de Cristo.

(8) Não se pronunciava contra Deus ou contra a sua existência, mas o que já não se exigia mais era que um pretendente nela acreditasse. Tendo, mesmo, algumas **Lojas**, eliminado a fórmula do "Todo-Poderoso Arquiteto do Universo".

(9) O rito francês se considerava uma reforma do escocês e ambos estavam sob a proteção de São João (daí a data), no primeiro, do Batista ou Jerusalemitano; o segundo, do Evangelista ou escocês.

(10) No período que antecedeu à posse de D'Antin, os maçons estavam descontentes com a mudança da ordem simbólica, nas senhas e nos sinais do 1º e 2º graus, determinado em virtude da revelação desses segredos ao público, por um certo Samuel Pritchard. Tal mudança refletiu de maneira negativa frente as tradições herdadas, e a confusão geral que se sucedeu.

(11) Luís XV deve ter sido maçom. Pelo menos, os funcionários ligados ao pessoal da Corte e foram, na **Loja "Câmara do Rei"**, fundada em 1745; que se denominou, posteriormente, **Loja "Militar dos Três Irmãos Unidos da Corte"**, em 1775, já no tempo de Luís XVI. Não há confirmação da iniciação desse rei, mas há a dos seus dois irmãos: Conde de Provença (futuro Luiz XVIII) e Conde de Artois (futuro Carlos X).

(12) Nesta época, a **Grande Loja da Inglaterra**, na esperança de reconduzir as **Lojas** francesas, envia para lá um antigo Grão-Mestre, Jacques Douglas que, tido como espião, acaba seus dias na Bastilha.

(13) O maçom Voltaire, nos processo dos inocentes Calas, e no caso da Família Sirven, teve ao seu lado os advogados maçons Elie de Beaumont e Dupaty, que conseguiram reformar os cruéis leis francesas, e acabar com o pelourinho.

(14) Cagliostro retirou o seu sistema maçônico de Enoque e Elias, que o teriam transmitido aos sacerdotes egípcios. Ele próprio dizia que era filho de um anjo com uma mulher humana. Contudo, não alterou os símbolos tradicionais da Maçonaria, mas aumentou o número de graus e permitiu o acesso aos judeus. Cagliostro ficou famoso por se ver envolvido no famoso processo do Colar da Rainha Maria Antonieta. Sabe-se que a 20 de fevereiro de 1786, ele publicou uma profética carta-aberta sobre a destruição da Bastilha e os caminhos da Revolução Francesa.

(15) "Correspondência inédita de Maria Antonieta" (1864) **apud** Paul Naudon. **A Maçonaria**, p. 54.

(16) Atualmente a herdeira dos Iluminados da Baviera é a sociedade secreta OTO (**Ords Templis Orientis**), que tem membros na Alemanha e na Inglaterra. Dizem que influenciaram a Revolução de Maio de 1968.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Renato. **Enciclopédia Histórica do Mundo Maçônico**. Rio, Ed. Maçônica, 1968.

ASLAN, Nicola. **Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia**. Rio Ed. Arte Nova, 1974.

JACQ, Christian. **A Franco-Maçonaria. História e Iniciação**. SP. Difel, 1977.

LEADBEATER, C. W. **A Vida Oculta na Maçonaria**. SP' Ed. Pensamento, 3 ed. s/d.

MARIEL, Pierre. **As Sociedades Secretas Governam o Mundo**. Lisboa. Liv. Bertrand, 1981.

NAME, Mario. **O Templo de Salomão nos Mistérios da Maçonaria**, SP, Ed. Gazeta Maçônica, 1988.

NAUDON, Paul. **A Maçonaria**. SP. Difel, 1968.

PALOU, Jean. **A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática**. SP. Ed. Pensamento, s/d.

PLATÃO. **Obras Completas**. Madrid. Ed. Aguilar (trad. Maria Araujo, e outros) 1972.

TOURRET, Fernand. **Chaves da Franco-Maçonaria**. Rio, Ed. Zahar, 1975.

VIEUX, Maurice. **Os Segredos dos Construtores**. SP. Difel, 1977.